



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

16 de Março de 1996 • Ano LIII — N.º 1357
Preço 30\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Autoconstrução

O desinteresse dos poderes políticos e consequente vazio legal cercam e asfixiam os Autoconstrutores

O dia foi carregado de encontros com situações de frustração e sofrimento.

Mais outro autoconstrutor, presentemente de baixa por doença cardíaca que o impede de voltar à plena capacidade de trabalhar, a braços com uma casa em meio e só agora dando conta da demasiada dimensão dela, tal o projectista lha entregou e a Câmara Municipal aprovou.

Seiscentos contos se foram nestes dois custos prévios e só depois das paredes levantadas se apercebeu do erro, tarde demais para o emendar. De resto, a casa é situada numa encosta banhada de sol e larga de horizontes, é equilibrada e modesta como o seu construtor, pai de três filhos a criar, operário na Maia onde ganha 65 contos, sem fins-de-dia, sem fins-de-semana, sem férias gozadas, para poder levar a sua casa ao ponto onde chegou. E agora que nem a saúde ajuda?!

Situações destas repetem-se a cada passo, fruto do desinteresse dos Poderes políticos pela Autoconstrução e consequente vazio legal que a cerca e a asfixia em vez de a suscitar e promover.

Pois não será um enriquecimento da Nação estas casas que se vão erguendo aqui e ali pelo empenhamento de famílias que reagem às condições miseráveis

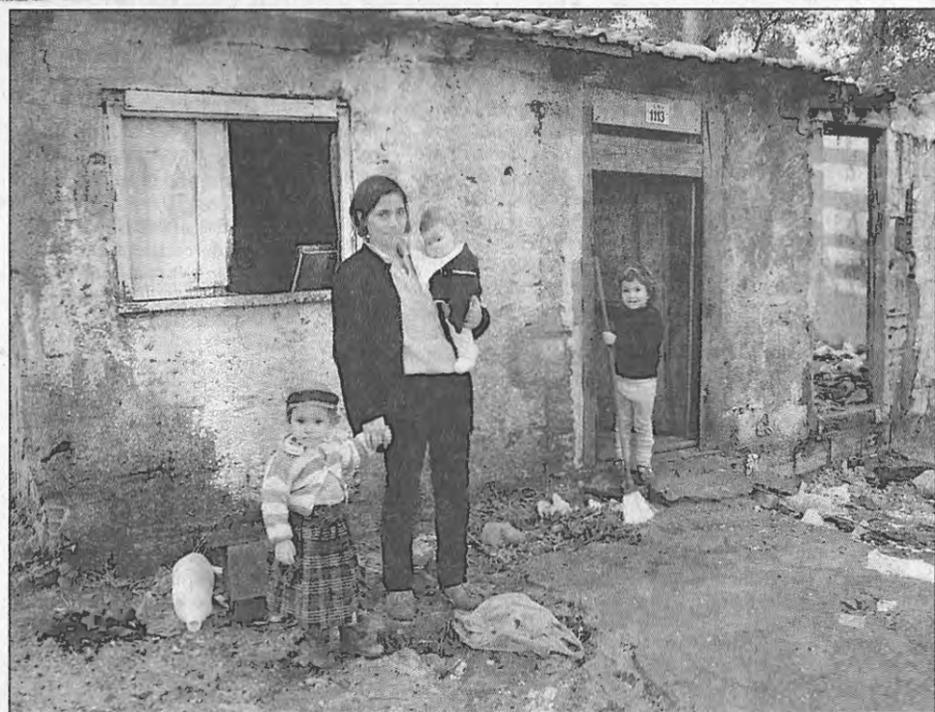
de habitação em que têm vivido, não comiciando, mas com seu esforço heróico de procurar para os seus uma morada digna de seres humanos?! Será este esforço sacrificado tão da esfera das *iniciativas privadas*, que não mereça a atenção das Autoridades da República e não leve ao desencadear de acções simples, desburocratizadas, que estimulem, que apoiem, que defendam os protagonistas de tais iniciativas?

Onde está a consciência social? A dos Poderes... que a do Povo essa ainda se vai afirmando na solidariedade que tornou possível quanto se tem feito!

Tantos programas para «Erradicação da Pobreza»! Tantas somas astronómicas consumidas em conversa fiada! Tantos gabinetes e comissões para estudar isto, aquilo e aqueloutro... e parece que os «estudantes» ficam todos chumbados porquanto se não chega a conclusões válidas, ou se sim, não chegam a ser postas em prática.

Aqui não se trata de somas, mas de *subtrações*. Seiscentos contos custou a este nosso autoconstrutor projecto e licença camarária. Se as Autarquias fornecessem projectos fiéis à raça arquitectónica das regiões e de acordo com as possibilidades dos interessados e os isentassem de licenças ou as reduzissem a algo de simbólico e lhes prestassem algum apoio técnico — eram seiscentos contos convertidos em tijolos e cimento; eram erros de construção que se evitavam; era a defesa da paisagem de tantas *maisons* que a ferem e conspurcam.

Continua na página 4



Mãe com o filho mais novo ao colo e outros em redor

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Uma «ilha» de barracas e famílias degradadas

PESSOA amiga chamou a nossa atenção para o quadro humano que vai observando junto do lugar onde trabalha: Crianças abandonadas e adultos passeantes. Mais adiante aparecem barracas com aspecto de muito abandono. Há pinheiros à volta e o acesso é feito por carreiros peçados de ervas e silvas e o chão é de lama em dias de chuva.

Preparámo-nos e fomos ver. Subimos a encosta íngreme, amparado por mão amiga. No primeiro plano encontrámos a mãe com o filho mais novo ao colo e os outros três à volta, à entrada da barraca. Dentro, uma enxerga onde pernoitam os seis. Ao lado, uma mesita com

Continua na página 3

TRIBUNA DE COIMBRA

Partilha e comunhão

ESTAMOS em plena Quaresma. São agora mais repetidos e com cenários concretos os apelos a centrar a vida. Todos os anos assim é. Vale a pena recordar sempre que o homem, cada um de nós, não é um ser isolado; que só em comunhão se pode encontrar e ser feliz; que só em relação descobre o mistério imenso que o envolve e o desejo de o abraçar.

O isolamento e o individualismo alienam e põem em perigo esta descoberta.

Ninguém pode chegar à Páscoa sozinho sem atraiçoar o caminho que a Ela

conduz: a partilha e a comunhão. Mesmo que intimamente se sinta consolado e satisfeito. A Quaresma cristã não é uma espécie de cosmética individual de corte ascético. Seria uma compreensão redutora e desadequada. Mas a Páscoa faz ranger necessariamente os batentes de uma pertença religiosa onde teime predominar o calculismo contra a opção de risco e o compromisso se torna termómetro da vivência da fé.

Na sua habitual mensagem o Papa dá o timbre e empurra, com as próprias Palavras de Cristo, a Igreja: «Dai-lhes vós mesmos de comer».

O Homem e o Mundo só serão felizes em comunhão. Oitocentos milhões de pessoas vivem esfomeadas, porém. A corrente está em curto-circuito. Norte e Sul: dois polos, cada um belo e farto. Mas um vive e outro morre. Que será preciso mudar? Economias? Filo-

sofias de vida? Sim! E o coração de cada um de nós.

Ao nosso lado também há sombras que nos envergonham. O Rui chegou. Quase rapava no chão o comer que levava à boca. Não tinha cama onde dormir. Obras na casa, nem pensá-las que a avó, dona, dali quer ir directa ao Céu... Prevalece no entanto o seu amor aos pequeninos: — *Vai meu filho que ao menos lá tens uma cama enxuta e sopa no prato...* Mentalidades que bloqueiam a circulação da vida.

Ainda aguardo a chegada de um Ruben que vive por detrás de uma grande superfície comercial em Lisboa. Lá mendiga nos seus oito anos delicados e espertos, aquilo que tantos, compadecidos, lhe oferecem e serve de refrigério à progenitora toxicod dependente.

Continua na página 3



Em cima, um quadro de miséria. Aqui, de sorriso nos lábios, um ressuscitado da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Quantos Rapazes nossos sofreram no corpo e na alma, as mazelas da barraca!

Conferência de Paço de Sousa

PÃO — Não vamos referir o das padarias, noutra tempo o melhor alimento..., que ainda hoje mata a fome a muita gente — aos Pobres sem iguarias.

Experimentámos a sua falta..., até o racionamento durante a II Guerra Mundial.

Para os nossos Pobres, com seu próprio nome, recebemos por intermédio do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo mais uma carga de géneros alimentícios, quais *excedentes da Comunidade Europeia*: massa, leite, manteiga, etc.

Todos rejubilaram com o óbolo (que distribuímos ao domicílio) da CEE. Ao que parece, uma fórmula de evitarem não só grandes armazenagens, excessos de produção, como, também, convém dizer, maior desemprego nos campos, nas fábricas.

Fosse o Mundo como Deus quer, esta pequeníssima amostra (quem dera de fraternidade) dos países com abundância, sem prejuízo dos mais elementares factores de crescimento económico-social dos subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, poderia ser ainda uma banalíssima fórmula de Justiça Social... sem guerras nem escravidões!

Quem lida com os Pobres sabe quanto apreciam tudo quanto seja de comer. *A fome é negra!* Na verdade, casos há em que temos mesmo de colocar-lhes na mesa o próprio alimento, já que o vil metal é uma tentação.

PARTILHA — Pela mão da assinante 4571, de Lisboa, excedente de contas d'O GAIATO. Cheque da assinante 524, Vila Nova de Gaia, e um voto: *«que surja muita generosidade, daqueles que podem ajudar»*. Assinante 9983, de Aveiro, com trinta mil *«destinados a uma cancerosa»*, para a qual *«já há alguns meses que não mando»*. Nove mil, da assinante 15230, do Porto, *«para o que for mais necessário. É pouco, mas se unirmos muitas migalhas sempre se poderá fazer alguma coisa»*. Dez contos para *«uma viúva com filhos e doente. Também sou viúva, mas felizmente tenho boa situação económica. É uma pequena ajuda»*.

Agora, temos à frente um grupo de presenças muito persistentes... Casal-assinante 11902, do Fundão, onze mil. Assinante 14493, do Porto,

Pelas CASAS DO GAIATO

que, apesar de viúva, reparte com os mais pobres: *«É a minha contribuição do mês de Fevereiro. Que Deus ajude na pacífica revolução que O GAIATO faz em nossas almas»*. Dez mil, por cheque, *«como sempre por alma dos meus pais»* — óbolo da assinante 9708, de Coimbra, cuja missiva traz impresso: *«A bondade gera serenidade e paz»*. *«Uma assinante de Paço de Sousa manda «a partilha de Janeiro/Fevereiro num cheque — com saudações fraternas»* que retribuimos na mesma proporção. Vale de correio, *«duma portuense qualquer»*, indicando no verso que é *«para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, contribuição relativa aos meses de Fevereiro e Março»*. Deus permita que o vale mensal não se afoque entre os d'O GAIATO recebidos diariamente. Assinante 57002, da Senhora da Hora, *«pequeno contributo de Fevereiro, que já vai atrasado pelo que peço desculpa, pois no tempo frio todas as migalhas são poucas para as necessidades dos Pobres»*. A assinante 31254, de Fiães (Feira), encerra a coluna com quinze mil *«para serem aplicados no que entenderem, pois sabem melhor do que eu. Agradeço o anonimato»*. Cumprimos. Mas vale a pena transcrever a frase de Saint-Exupéry, impressa na missiva: *Nas horas graves, os olhos ficam cegos... é preciso então enxergar o coração*. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FUGITIVOS — Há muito tempo que não havia fugas! Mas, como a família não se esmaece, o «Cacto» fugiu para a casa dos familiares, passar lá

o Carnaval. A mãe já o trouxe...

CARNAVAL — Foi muito bom. Os rapazes ficaram contentes com os brinquedos carnavalescos.

Durante a tarde houve uma corrida de bicicletas. Os participantes tiveram que passar difíceis obstáculos, andar com a bicicleta às costas, subir e descer escadas, etc. Muitas peripécias e quedas. Felizmente nada de grave.

INVERNO — O Inverno já está a passar e os rapazes desejosos que seja num instante para chegar o Verão...

POMAR — O nosso Padre Júlio mandou abrir covas para novas árvores de fruto. Nesse local também há algumas aves que dão vida à nossa Aldeia.

LAVOURA — Os campos estão muito bonitos, muito verdinhos.

Visto cá de cima, o maior parece mesmo um campo de futebol!

VACARIA — Os nossos vaqueiros estão muito contentes porque nasceu mais um casal de vitelos. A vida dos animais interessa a todos nós.

MOÇAMBIQUE — O nosso Padre Baptista foi passar alguns dias a Moçambique para dar férias ao nosso Padre José Maria.

No Calvário, de Beire, ficou o Padre Júlio.

VISITAS — Recebemos muitos visitantes, principalmente ao domingo. Durante a semana passaram por nossa Casa excursões escolares, gente interessada pela vida da comunidade.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

DESPORTO — No dia 18 de Fevereiro os juvenis disputaram um jogo com uma equipa de Mouriz. Resultado: 3-3.

Por mútuo acordo procedeu-se ao desempate através da marcação de grandes penalidades. Vencemos por 5-4.

No mesmo dia os seniores defrontaram a equipa dos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa, recém-formada, que promete dar bons frutos.

O jogo decorreu num clima de boa disposição e cordialidade. Contudo, a supremacia do nosso grupo foi por demais evidente e não deixou os créditos por mãos alheias: ganhámos por 13-2.

Recebemos, no dia 26, a visita dum grupo de jovens, organizada pela Junta de Freguesia de Ramalde. Trouxeram duas equipas.

Os seniores, que jogaram de manhã, venceram e convenceram os visitantes com um *score* que não deixa dúvidas: 16-0.

A partida dos juvenis, à tarde, não chegou a acabar devido às más condições atmosféricas.

Durante o tempo de jogo, os nossos mais novos mostraram que aprenderam bem a lição dada pelos mais velhos. Quando o prélio foi interrompido, venciam já por 4-1.

Depois dum período vacilante, as nossas equipas parecem estar a caminhar para um pico de forma atlético-psicológico, o que revela quanto de benéfico é o trabalho do treinador. Parabéns ao Luprcínio.

No final do dia foi-nos entregue uma medalha da Câmara Municipal do Porto e um histograma, em bronze, do bairro de Ramalde e da sua gente.

Aos Ramaldenses muito obrigado. E, desde já, informamos outros possíveis visitantes que queiram jogar connosco: estamos disponíveis, basta escreverem para: *Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa*, ou telefonarem para o 055-752285 chamando o *Amarante*.

«Amarante»

TOJAL

ESCOLAS — Começam agora a surgir os primeiros testes, depois das férias do Carnaval. Nos primeiros, houve algumas notas insatisfatórias.

Este período é o mais decisivo para quem quer continuar a estudar, no Secundário. Na Primária, os nossos rapazes têm aproveitado.

CASA DE FÉRIAS — Está pronta para mais um Verão. Nas férias do Carnaval foram para lá grupos arranjar algumas coisas e, durante o ano lectivo, tem acolhido escuteiros, e outros, para que não fiquem à mercê de alguém não convidado.

OBRAS — No palácio ainda vão continuar.

O pedreiro e ajudantes, os nossos rapazes, constroem um rinquê para actividades desportivas nos tempos livres, ao lado do campo, frente ao pavilhão. Da nossa parte será muito bem aproveitado e apreciado.

VISITAS — Têm vindo nos fins-de-semana. Algumas já nossas conhecidas. Outras, ficamos a conhecê-las. Gostam muito de ver os mais pequeninos e as nossas instalações: cozinha, quartos, oficinas, vacaria, pocilgas, lavandaria, rouparia, etc. As vezes passam cá o dia todo. Outras, ainda, só estão algumas horas. Temos recebido também grupos escolares, com os quais trocamos correspondência.

FESTAS — Continuamos com os ensaios, agora mais puxados para os ensaiadores, para as senhoras e nosso Padre Cristóvão. Serão Festas com grandes surpresas, não só pelos diversos números mas também pela sua beleza e alegria. A primeira está quase a chegar. Só nos falta verificar alguns sítios e planejar coisitas que ficam para a última hora.

Joaquim M. F. Pinto

UMA CARTA — «Li n'O GAIATO, em notícias da Casa do Tojal sobre Festas, o pedido de roupas.

Tenho umas peçazinhas jeitossas e antigas, boas para esse fim e que, da melhor vontade, ofereço. Não as posso mandar para o Tojal, mas sim para Lisboa logo que tenha portador.

Antigamente entregavam-se na Maison Louvre, no Franco Gravador e na Ourivesaria 13. Ainda é assim?

Saudações e amizade duma alentejana, amiga de há muitos anos!

J. >

RESPOSTA — Quer a Maison Louvre, quer o Franco Gravador, quer a Ourivesaria 13, aceitam, para nós, as coisas que aí entregarem.

Estamos interessados nessas roupas antigas.

Padre Cristóvão

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DOS GAIATOS, CRL.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 26 dos Estatutos convoco os membros da Cooperativa para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar em 31/03/96, às 10,00 horas, nas instalações da Cooperativa, em Vales — Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 - Apreciar e votar o Orçamento e Plano de Actividades para o exercício de 1996.

2 - Apreciar e votar o Relatório e Contas da Direcção, relativos ao exercício de 1995, e parecer do Conselho Fiscal.

3 - Eleição da Direcção, Conselho Fiscal e Mesa da Assembleia Geral para o biênio 96/97.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria requerida no artigo 27 dos mesmos Estatutos, a Assembleia Geral reunirá meia hora mais tarde com qualquer número de membros.

OBS.: - As candidaturas devem conformar-se com o artigo 11 do Regulamento Interno.

Porto, 25 de Fevereiro de 1996.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

José Lemos

SETÚBAL

MIGUEL — Será que a missão da Casa do Gaiato é uma acção fora-de-lei? Será que dar casa e família a um pobre e fazer dele um homem é crime?

A Justiça portuguesa assim parece entender.

O Tribunal deliberou que o nosso bebé, o Miguel, que está connosco desde os 14 meses, fosse entregue a um casal, sendo escolhido o casal que já adoptou a sua irmã.

Notícia de choque para todos nós, e ainda mais para as senhoras, ou melhor, as suas mães, visto que ele já tem lugar cativo no coração da nossa Comunidade.

É triste que fizéssem tudo para o tirar de nós, a sua família, visto se tratar duma criança inocente, pura e com valores extraordinários. Quem o conhece, sabe.

Entristece-me como a Justiça portuguesa tratou deste caso, pois há que ter em conta que os valores humanos foram totalmente pisados naquele Tribunal.

CONVÍVIO — Nos dias 17, 18 e 19 de Fevereiro, cerca de 60 rapazes e raparigas, incluindo três rapazes nossos, estiveram presentes na nossa casa da Arrábida para parar um pouco na vida e pensar no Criador. Em nome de todos, os nossos parabéns.

DESPORTO — Anda um pouco em baixo, em nossa Casa. O pessoal adere pouco às partidas de futebol e os treinos estão um pouco *tremidos*. Esperamos que a situação melhore.

QUINTA — Com as chuvas, perdeu-se muita aveia e o terreno onde estavam os nabos mais parecia uma autêntica piscina. Há muito tempo que não se via chover assim.

Já semeámos a batata, e o faval está a desenvolver-se lindamente.

Guerreiro

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

A nossa Associação realiza um passeio-convívio, nos dias 30 e 31 de Março, às nossas Casas do Gaiato do Tojal e Setúbal.

Será uma forma de nos unirmos mais e conhecermos duas das Casas que talvez alguns nunca visitaram.

Contamos com a colaboração dos nossos Padres Cristóvão e Acílio, pois no dia 30 oferecerão o almoço no Tojal e o jantar e dormida na Casa da Arrábida (só é preciso levar lençol, fronha e toalha de rosto).

No momento em que a nossa Associação passa por um certo desinteresse..., apesar do esforço e dedicação de todas as direcções nos últimos anos, seria bom que o espírito que levou à sua fundação não morresse e o ideal Gaiato permanecesse vivo. Quanto mais entrarmos na idade, estes encontros anuais ou passeios-convívios melhor recordam os belos e menos bons momentos da nossa juventude, passados em nossa Casa...

Terás recebido uma carta-circular e o programa dos dois dias que esperamos sejam do teu agrado. Além das nossas Casas, se o tempo chegar, no sábado faremos uma visita à zona da Linha até Sintra.

RETALHOS DE VIDA

Ricardo

Olá! Sou o Ricardo Jorge Monteiro Pereira Carvalho, conhecido por «Doutor» na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Vim para aqui porque a minha mãe se drogava... E, por isso, o Tribunal mandou-me para esta Casa tão linda, onde gosto muito de estar.

A nossa alimentação é boa. Só não aprecio açorda. Mas temos de comer tudo o que nos dão.



Fora das horas de estudo (ando na quarta-classe), já dei uma ajuda no hospital e noutra casa da nossa Aldeia. Agora, sou da lenha. É tudo feito por nós.

Ricardo

MALANJE dia-a-dia

1/2/96

PEQUENA cangala neste mês de Fevereiro entre as primeiras chuvas e as segundas que começarão em Março. Os dias são límpidos e quentes, aqui no planalto.

Hoje, uma manhã de sonho!, com o sol a piscar nas gotas de orvalho suspensas nas hastas de capim. Apetece, embalado pelo canto dos pássaros, expressar contentamento em gestos e voz! Nem voz nem gestos... Momentos antes soubemos da destruição total da nossa linha eléctrica. Nove quilómetros de postes e linhas! Os postes tombados e desfeitos para aproveitarem quatro ferros ferrugentos e as linhas para venderem o cobre. Isto feito em dois dias e sem nós darmos por tal!

Também, para cúmulo, levaram o gerador que os senhores gerais desta frente nos tinham oferecido.

Tornou-se para nós mais urgente e imperiosa a compra dum gerador com potência que baste às nossas necessidades.

Já o encomendámos. Embora difícil continuar sonhando nesta terra de cruz quotidiana, é imperativo continuar a fazer o sonho acontecer.

4/2/96

OUTRA vez esta fome, cravada no Povo com dentes de aço...

Crianças mendigando um pouco de farinha de milho. Já não pedem leite ou soja, mas um pouco de farinha para a sentirem cair no estômago.

As espigas de milho para assar ou cozer — acabaram. Homens armados, pela noite, roubam tudo o que há nas lavras.

De novo, o Povo impotente de braços caídos, caminhando sem destino e de olhar vazio de ilusões. Se ao menos estas, como fogo de cascas, ténue, mas alimentador de alguma esperança...

E continua este Povo a repetir as suas lavras, mesmo sabendo que os *gangsters* da noite as irão roubar.

10/2/96

HOJE irritei-me com umas crianças que nos vieram pedir: Que não era aqui o lugar certo; que éramos 150 a comer; que deveriam ir ali, além, acolá... Sempre que isto me acontece, arrependo-me e chamo: Lóól, atende estas crianças. Lóól é o que tem a chave do moinho, onde, quase sempre, há farinha.

A necessidade quotidiana criou em nós o hábito da mão que se abre para receber. Esta atitude de espera perante os que têm capacidade de dar, pode adormecer em nós o dom de repartir. Também gerar o hábito de guardarmos para amanhã o que, hoje, podia matar a fome a um irmão.

A prudência manhosa do nosso «eu» que guarda com cuidado o pedaço de amanhã!

Todos os dias nos afadigamos na procura de bens que assegurem o nosso bem-estar. Vamos dando do que nos sobra e guardamos o que é «nosso»... Reposteiro de cores a encobrir a transparência do Evangelho!: «Reparte o teu pão com o faminto».

«teu» e não o pedaço que não temos intenção de comer.

Disse-me alguém que o Evangelho é terrível... E, é.

Mas não vamos desanimar. Todos os dias temos oportunidade de mudar as pedras que tínhamos colocado no sítio errado.

É natural que muitas vezes, insensivelmente, sigamos o instinto da nossa sobrevivência... Certo, porém, que nos devemos precaver.

Recordo o episódio de uma mãe refugiada: Depois de caminhar cem quilómetros com o seu filho chupando nos seios, ao apresentarem-lhe um copo de leite para dar ao bebé, ela o bebeu dum trago; depois, o segundo; a seguir um terceiro... Somente ao quarto ela acordou da sua grande fome e, aconchegando o filho, lhe deu o leite — carinhosamente.

De facto, tantas vezes os nossos instintos e fraqueza humana embaciam o vidro! Não percamos a esperança... Se tivermos verdadeiro desejo de transparência — o Senhor carregará no botão do limpa pára-brisas.

Padre Telmo

No domingo, cedo, rumaremos até à Casa de Setúbal, passando pela cidade, onde tomaremos o pequeno-almoço. Depois, será a celebração da Eucaristia dominical, com a Comunidade dos Gaiatos. Faremos uma visita à Casa, aproveitando esse tempo para um convívio com os rapazes. Às 12 horas, partiremos para a cidade onde almoçaremos por conta e gosto de cada um.

Agradecemos que enviem, o mais urgentemente possível, a ficha de inscrição para a seguinte morada: João Rodrigues Hingá — Rua Paulo Quintela-B1 2, r/c — 3030 Coimbra; ou telefonem para (039) 713393, a partir das 20 horas.

João Hingá

BENGUELA

GRUPO DOS MÉDIOS — O meu é da *capina*. Trabalhamos das 7.30 h, ao meio-dia; e à tarde, até às 17.00h, se não formos à praia.

O trabalho vai bem. E quando é visto por alguém, dizem logo: — Sim senhor!

Ficamos muito contentes e até com mais força para fazer melhor.

O grupo é composto dos seguintes rapazes: Cláudio, Betinho, Vasco, Toy, Rafael, Paulo, Maíngo, Cativa, Nelito Afonso, José Nelito, António, Jamba, Tiago, Kanema, Augusto, José Maria, Alexandre, Silvestre e Evaristo.

Gostamos de participar na limpeza exterior da nossa Casa. Queremos continuar sempre assim para, no futuro, sermos alguém.

Amândio

CARAS NOVAS — Vieram mais três. Dois saíram do Abrigo: José Maria, surdo-mudo, e o Alexandre; o outro veio da Baía, Ricardo irmão do Faustino. Foram bem acolhidos. O Alexandre é companheiro do José Maria. É com ele que se entende melhor. Pouco a pouco vai-se adaptando à nossa Casa e aos novos companheiros que também gostam e se divertem com ele.

O José Maria aprecia dançar no meio duma roda com palmas, entusiasmado. Ele e o Alexandre foram para a casa 1 de baixo. O Ricardo para a minha, 1 de cima.

Com estes já ultrapassámos a lotação da nossa Casa... Graças a Deus, mesmo apertados, somos uma boa família.

Agostinho Graciano

CHEFES — Tivemos uma saída só com o nosso grupo de chefes. Este pequeno *retiro* serviu de reflexão sobre a nossa vida e a responsabilidade de servirmos os irmãos. Fomos acompanhados pelo mano Carlos e estamos contentes com a sua presença. Tem sido uma pessoa importante para nós.

Valeu a pena termos esta *paragem* porque ficámos muito mais esclarecidos de dúvidas sobre a função dos chefes perante a comunidade.

António Gola

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Mais um ano de visitas, convívios e auxílios aos nossos Pobres. Muitos pedidos de socorro conseguimos minorar; outros tantos não pudemos atender, o que nos entristeceu bastante.

A festa de Natal dos nossos Pobres foi limitada à distribuição do essencial. Não pudemos dar brinquedos a todas as crianças. Apenas o necessário para a boca e pouco mais. Na nossa mente ainda paira o desabafo duma delas: «A minha mãe disse que me trazias uma boneca...!». Ficámos tristes, mas não pôde ser. Nessa família também não há dinheiro para extras.

Sem nos excedermos, as contas ultrapassaram o que recebemos durante o ano. Que o diga o tesoureiro. Como é hábito, foram lidas numa das últimas reuniões. E, mais uma vez, chamou a atenção porque gastamos mais do que recebemos. Então como vai ser? Ele há tantos Pobres a solicitar ajuda, mas com tão pequena receita até onde podemos ir? Na nossa maneira de trabalhar, procuramos não dar tanta importância à parte material. Mas não podemos esquecer que Jesus já se preocupou, aquando da multiplicação dos pães. E Isaías, na Liturgia duma das últimas semanas, chamava a atenção: «Eis o que diz o Senhor: Reparte o teu pão com o faminto. Dá pousada aos Pobres sem abrigo. Leva roupa ao que viste sem ela. Não voltas as costas ao teu semelhante. Então os teus pecados serão perdoados e os teus males serão curados».

O nosso mal é andarmos constantemente de costas voltadas para o nosso semelhante. Talvez porque desconhecemos quem ele é. Ou até, muitas vezes, entendemos que pelo facto de ele ser pobre já não é o nosso semelhante.

Olga e Valdemar

Património dos Pobres

Continuação da página 1

fogareiro velho e um montão de roupa. Nenhum deles trabalha. Só contam, ao certo, com o naco de toucinho que vão buscar, mais a caridade das pessoas. O marido e pai passa os dias na rua. Mais nada, a não ser os restos duma janela partida.

Pegada a esta, há outra pequeníssima barraca de tábuas *dadas pelo sr. Prior*, onde vivem casal e um filho. Também nenhum trabalho e ficámos sem saber como podem viver e como cabem naquele tão minúsculo espaço.

Mais uma série grande de degraus, em pedras soltas, muito irregulares, levounos, por entre lama, a outras barracas. Um casal de idosos estava à nossa vista. Ela com inflamação grave numa face, mal se entendia a falar; ele alimentado por um tubo exterior na garganta e já há muito sem fala. Ambos humildes e delicados. Vivem das pobres reformas. Têm ainda dois filhos solteiros, mas estão presos por andarem metidos na droga. Nesta pobre barraca criaram todos os descendentes.

Deixámo-los com cumprimentos e as carícias amorosas com que ele mimoseou a minha face.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO

— Lisboa: M. Pinto diz sofrer as necessidades dos nossos Pobres, e manda um cheque de 64.000\$00. Anónimo, mil escudos. Para o primeiro trimestre de mil novecentos e noventa e seis, M. Bernarda, do Porto, envia 20.000\$00. Assinante 9217, de Castelo de Paiva, 7.000\$00. De Fiães, pedindo anonimato, 10.000\$00.

Terminamos com um desabafo de Pai Américo: «A alma recebe, a memória guarda e o coração sente».

Ao lado, outra barraca quase destruída e com muitos plásticos à volta, tinha na frente uma pequenita com um cãozinho ao colo. A mãe e os outros irmãos foram ao hospital visitar uma filha doente. O pai vagueia pelas ruas. Um deserto.

Saímos dali e descemos a escada apoiado por um Amigo. Atravessámos as ruas em movimento e vida, em contraste com esse lugar onde sentimos a morte lenta das pessoas que ali têm de viver. Trouxemos nos sentidos, e no coração, a vida daquelas crianças que por ali têm de vegetar... Aquilo não é vida. É morte.

Ficamos sempre esperançados quando ouvimos ou vemos alguma notícia de que vai ser encarado de frente o problema da Habitação e a situação angustiante do desemprego. Que vão ser construídas muitas habitações para substituir barracas ou casebres e criar novos postos de trabalho. Ficamos esperançados, mas estamos a ver que temos de perder a esperança. É pena. Não a queríamos perder.

Padre Horácio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Sim! O coração de cada um de nós: É preciso que ele mude e algo mudará.

Temos peixe e pão para multiplicar. Não falta entre nós. Mas quem ajuda a repartir ou a substituir tantos cireneus vergados? As Igrejas enchem-se. Recordo o Papa: sempre que os homens se convertem ao Evangelho o projecto da partilha e solidariedade torna-se uma estúpida realidade.

Padre João

SETÚBAL

Agradável surpresa

UMA agradável surpresa me embriagou de alegria, há semanas, num Convívio Fraternal. Este movimento de juventude cristã destina-se a despertar a fé dos rapazes e raparigas a partir dos 17-18 anos. Desmonta muitas dificuldades que alguns professores lhes preparam. Resolve as variadas dúvidas que naturalmente emergem na sua consciência. Destroí as desculpas que sempre encontram para os seus desvios. Abre-os a um ideal empolgante que só a Fé cristã é capaz de sugerir.

Durante três dias, intensamente vividos, os jovens recebem uma iluminação contínua servida momento a momento.

A Casa do Gaiato de Setúbal tem dado a esta actividade apostólica o melhor de si e recolhido dela também graças inefáveis, para os seus rapazes.

É aos Convívios que vou recrutar boa parte dos nossos catequistas e de alguns fiz também comigo servos dos Pobres.

Esperava que deles viesse uma vocação ao sacerdócio capaz de me render nesta missão mas ainda não chegou a hora da graça. Aguardo activamente.

Deste último Convívio realizado no Carnaval participaram quatro dos meus, mas o doce espanto surgiu-me quando um rapaz e uma rapariga me vêm beijar, apresentando-se como filhos de fulano — um antigo gaiato.

Inundou-se-me a alma de luz e consolo. É que pelo Natal ajudara os seus pais a comprar a casa onde vivem, apoiado exactamente no argumento das despesas com os filhos — bons estudantes, a entrarem o ano que vem na Universidade — desfrutando eles de um baixo ordenado.

Agora, que os sinto preocupados também com a boa formação humana e cristã dos filhos e a encaminhá-los no compromisso militante do Reino de Deus, rejubilei.

Alguns gaiatos levados, como tantos homens de hoje, pelo desaforo materialista da vida e, no pensamento de que basta uma boa segurança económica para que os filhos sejam felizes, descuram exactamente o fundamental que é a formação religiosa cristã. Perdem para os filhos a maior riqueza que a Obra da Rua lhes deu e que deveriam transmitir aos seus descendentes: a Fé em Cristo Jesus, na Sua Vida, na Sua Palavra, na celebração dos mistérios e vivência sacerdotal do seu Batismo.

Não advertem de que é necessário fazer da sua casa um ambiente igual ao da Casa do Gaiato onde Deus é sempre presente e a vida religiosa aparece naturalmente como a fome, a sede, o frio, a alegria e a tristeza. Toda a vida na Casa do Gaiato é religiosa porque em tudo está Deus!

Mas é necessário cultivar a religiosidade. A catequese, a oração, o sentido do sagrado não surgem espontaneamente como lhes poderia ter parecido quando aqui viveram. Nesta Casa houve sempre pessoas que exercitaram e vivem os dons sagrados da Fé, criando assim um ambiente quase natural e facilmente cristão.

A morada deste antigo gaiato situa-se num bairro terceiro-mundista onde as dificuldades de crescimento equilibrado são acrescidas, mas onde também a presença desta família é força e exemplo para tantas outras desgraçadas!

Abençoado dinheirinho!

Padre Acílio

ENCONTROS em Lisboa

É necessário investir mais cedo na diversificação do processo escolar

DESDE há muito que o sistema de ensino vem sendo alvo de um tratamento especial nas preocupações de todos nós. Uma vez porque se reforma e não se percebem as reformas; outras vezes porque essas reformas, bonitas na aparência, acabam por se mostrar desajustadas da realidade; outras vezes ainda porque enviamos os nossos filhos para as escolas e ficamos com a impressão de os entregar a ninguém. Sei que quando a barca é muito grande os detalhes acabam por não ter importância. Trabalha-se para o geral, o normal, o padrão. De fora ficam muitos segmentos que não se enquadram.

Compreendemos que num Ministério da Educação, grande como é, assim aconteça, mas não podemos passar sem chamar a atenção para problemas muito concretos que o sistema gera e que se revelam perversos para toda a sociedade, destruindo, pelo caminho, muitas vidas jovens também elas cheias de sonhos.

Estou de acordo com o padrão da escolaridade de nove anos, para todos. Hoje, a nossa sociedade, com os seus desafios técnicos assim o exige; e, por outro lado, faz

hoje parte da dignificação do homem o mais saber para melhor entender e escolher.

Acontece que as desigualdades iniciais face ao sistema escolar e nas desigualdades que inevitavelmente continuam a acompanhar o desenvolvimento do processo escolar, muitos são os jovens que se vêem excluídos de concluir o desenrolar normal do ensino e ficam sem as habilitações mínimas que a sociedade exige para os poder colocar no mundo do trabalho. Criam-se, desta forma, marginalidades que, no seu seio, geram violências face à sociedade que os rejeita; ou, dito de outra maneira, não lhes dá oportunidades.

Não é difícil compreender que um jovem que sofreu atrasos ao nível da primária e, muitas vezes não foram só atrasos de anos mas também de conhecimentos, se sinta em dificuldades para enfrentar o Ciclo e mais ainda o 7.º, 8.º e 9.º anos. A idade passou, as bases sólidas não existem e o tempo torna-se demasiado longo. Começam a aparecer as necessidades e também o desejo de ser interveniente na sociedade através do seu trabalho. Porém, não há lugar para eles nem no paciente processo escolar para encontrar as melhores soluções, nem no sistema produtivo por falta de habilitações. E temos os rejeitados. Mesmo os que persistem, chegam, por vezes, aos 17 ou 18 anos sem terem qual-

quer experiência ou indicação do que podem ou desejam fazer de suas vidas.

Pela experiência que a vida me foi dando, parece-me de elementar clareza que é necessário começar a investir na diversificação do processo escolar muito mais cedo do que o que acontece actualmente. Só se vislumbra alguma diversificação, e mesmo essa muito incipiente, a partir do nono ano. Creio que deveria ir para o 7.º ano. A conclusão do nono, para muitos jovens, deveria significar o ter a possibilidade de acesso ao mercado de trabalho com conhecimentos numa área específica.

Continuando a apostar no que temos actualmente, estamos a mandar para a marginalidade muitos jovens das nossas cidades e

aldeias que acabam por não ter nem escolaridade nem formação profissional, dado que as duas se implicam.

Tenho alguma esperança, embora os gabinetes onde se tomam as decisões fiquem tão distantes dos problemas reais dos Pobres. Estes normalmente não têm poder reivindicativo para expor os seus problemas. Quando o fazem, muitas vezes, fazem-no já duma maneira em que só se percebe que estão rejeitados e ainda ficam mais rejeitados.

Sem o desejarem, alguns dos nossos miúdos do Liceu foram envolvidos em acontecimentos que revelam esse mundo. Toda a gente olhou para a insegurança junto das escolas. Com alguns polícias pode atenuar-se o problema junto delas, não se resolve o problema da integração social dos agressores. Todos têm idade ainda para andarem na escola. Nenhum é conhecido nos Liceus da cidade. Nem escola nem trabalho, são apenas o fruto de inadequadas políticas escolares e sociais.

Padre Manuel Cristóvão

Autoconstrução

Continuação da página 1

Não teríamos assim um verdadeiro e múltiplo bem social que nem implicava grandes somas senão uma pequena redução dos rendimentos do erário, compensado pelo muito do problema da habitação que se ia resolvendo, sem os custos da chamada *habitação social* concretizada em imóveis de dimensão e estética desumanizada que, tal como as *maisons*, também em nada favorecem a paisagem?

Um Amigo que a morte levou antes de realizar o seu sonho, muito queria que as Universidades em que era Professor, a Lusíada e a Universal, em suas Faculdades de Direito, se debruçassem sobre a Autoconstrução e promovessem leis e regulamentos que a tornassem visível aos Poderes Públicos e os motivassem a considerar a realidade de facto que ela é. Quem dera que este apelo ecoasse entre os juristas daquelas Universidades e produzisse o efeito que o nosso Amigo tanto desejava!

Padre Carlos

De Benguela a Malanje

Livre circulação de pessoas e bens

HÁ dias fiz uma viagem de Benguela a Malanje; de boleia em boleia mais de 800 km via terrestre. É consolador sentir que a pouco e pouco a livre circulação de pessoas e bens se vai tornando um facto. Esperamos que se estenda a todo o território angolano o mais rapidamente possível e se estabeleçam as condições de segurança no interior do País para descongestionar as cidades.

Falando da trajectória. Quem percorreu estas distâncias há vinte anos, tem belas recordações daquelas vias rectilíneas como foram concebidas as estradas de Angola, perdidas no interior do País, no seio da selva. Agora, sobra apenas a vaidade da marginal (Benguela-Luanda), o encanto da paisagem natural, aquela riqueza não explorada que são as florestas, a beleza não poetizada que a serra do Binda esconde e outros encantos esquecidos no mistério da mata; quanto à via Luanda/Malanje, descobrem-se restos de asfalto entre os buracos, alguns dos quais são verdadeiras covas, a medir pela profundidade e extensão. Só os camiões e as carrinhas fortes podem por aí descer e ressurgir vivos.

Enquanto vinha, pensei na nossa carrinha Ford que está em Luanda. Por ser

baixa tive receio que não chegasse a Malanje. Carro único numa cidade que depende directamente de Luanda... Planos de reabilitação das estradas não existem a curto prazo e os imperativos do viver não nos deixam parar ou esperar. Pode ser que aconteça o milagre de uma carrinha Toyota, que melhor se adapta às nossas estradas.

Ao longo da via, sinais vermelhos indicam a presença de minas, graças a Deus já localizadas, esperando apenas que sejam desactivadas; ou então que um incauto se encoste à berma e tem o fim dos seus dias. É a morte que caminha visível e paralelamente conosco. Mais próximo da cidade a natureza enlutada, triste é despida devido ao corte prematuro e arbitrário dos eucaliptos; enfim, a desertificação que ameaça e alastra.

Ao entrar para a nossa Casa, o cafeeiro limpo, os rapazes empenhados a bom ritmo nas suas ocupações... Mas nem tudo é mar-de-rosas. Chega-me a triste notícia — o confisco do gerador. Esta sociedade não só negou a estes meninos o direito a uma família, como tem a coragem desenfreada e sem escrúpulos de os deixar sem luz, água e oficinas paralizadas. É que nesta terra as leis e os documentos só valem segundo quem manda; o tempo que ele manda e mais o seu interesse!

Padre Manuel Kalemba

BENGUELA

Dai-lhes vós mesmos de comer

ESTAMOS em pleno coração da Quaresma. Estas palavras do Evangelho (Mat. 14,18) são o título da Mensagem do Santo Padre para a Quaresma de 1996. Palavras muito fortes. Sinto-as em minha carne como se fosse uma martelada violenta. Será que estou a fazer tudo o que posso fazer? Fico inquieto e ponho as mãos na cabeça.

«Na vida de todos os dias sucede encontrarmos famintos, sedentos, doentes, marginalizados, migrantes. Durante o tempo quaresmal, somos convidados a olhar com mais atenção os seus rostos carregados de sofrimento; rostos que testemunham o desafio das pobreza do nosso tempo.»

Quadro vivo

Tenho diante dos meus olhos o quadro vivo pintado por estas palavras. Às vezes sinto-me perdido e sem paciência para o contemplar. Apetece-me fugir dele e esquecê-lo. É um quadro que grita. Ora no silêncio impotente, ora em súplica insistente a desafiar a qualidade do amor que anima a minha vida. Por isso é impossível ficar indiferente. Só vejo uma saída coerente: amar mais; fazer mais para que nunca falte o necessário. Estas são as contas da vida que batem sempre certo. Que o digam todos os que, algum dia, tomaram o Evangelho a sério e não quiseram outra regra para as suas vidas senão o caminho do Redentor.

Naquele tempo, os discípulos do Senhor estavam

impressionados com a multidão de gente com fome, diante dos seus olhos. Não sabiam, na verdade, o que fazer. Mais confundidos ficaram quando o Mestre lhes deu a resposta: *Dai-lhes vós mesmos de comer*. Ele podia resolver o problema sem mais delongas. Podia transformar as pedras em pão, por exemplo. Mas não foi esse o caminho escolhido. Não foi nem é, agora, nem tão pouco o será no futuro. A solução dos problemas dos homens passa pelos homens. Eles não-de fazer tudo o que está ao seu alcance, de mãos dadas com o Senhor. Não importa se é muito ou se é pouco o que o homem tem. Quando todos decidirem dar as mãos cheias do pouco ou do muito que têm, o mundo novo surgirá. Utopia? Quem, algumas vezes, fez a experiência no seu pequenino campo de trabalho, sabe que não há outro caminho certo. A Obra da Rua, ao longo da sua história, quis ser um testemunho humilde, posto sobre o alqueire, à vista de quem a conhece e ama.

A fome continua a ser dramática

A Mensagem continua:

«A multidão de famintos, composta de crianças, mulheres, anciãos, migrantes, deslocados, desempregados, dirigidos o seu grito de dor. Imploram-nos, esperando ser ouvidos. Como não tornar atentos os nossos ouvidos e vigilantes os nossos corações, começando por colocar à disposição

aqueles cinco pães e dois peixes que Deus pôs em nossas mãos? Todos podemos fazer qualquer coisa por eles, dando cada um o seu próprio contributo.»

Estamos em Angola. A terra pode dar comida ao seu povo. Pode alimentar outros povos. Mas não é assim. A fome continua a ser um drama enorme. Bem sabemos que a solução é difícil, mas está nas mãos dos homens. Eles têm «os cinco pães e os dois peixes». Falta-lhes a conversão ao Evangelho, explícita ou implícita, partilhando as suas preocupações com a sorte do seu povo. Até aqui ele tem ficado à margem. É, de facto, um povo marginalizado pelos seus responsáveis!

Diante de tal espectáculo, «como não experimentar no espírito um sentimento de revolta interior? Como não sentir-se tocado por um impulso espontâneo de caridade cristã»? Sim, porque não podemos cruzar os braços, nem tão pouco ser vencidos pela impotência, deixando as coisas como estão. Algo é possível fazer-se. Ajudar é a palavra chave, nesta hora. Dar as mãos para que a esperança não acabe.

A Mensagem termina com a exortação de «cumprir gestos concretos e significativos, capazes de multiplicar aqueles poucos pães e peixes de que dispomos. Contribuir-se-á assim validamente para fazer frente aos vários géneros de fome, sendo este um modo autêntico de viver o providencial período da Quaresma, tempo de conversão e reconciliação».

Que o Senhor nos ajude a amar mais e a fazer mais e melhor.

Padre Manuel António